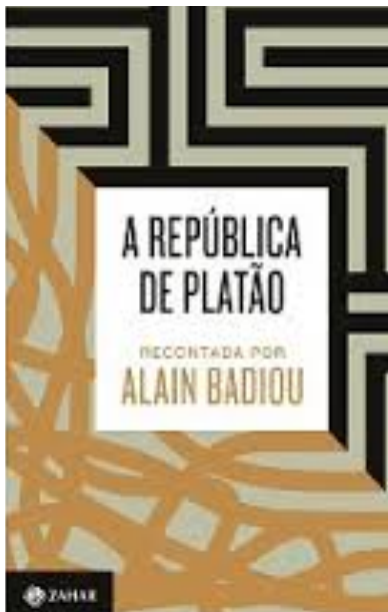


Alain BADIOU. *A República de Platão, recontada por Alain Badiou (La republique de Platon)* Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (2012), 382 pp. ISBN: 978-85-378-1184-9.

Recibido: 29/07/2014
Evaluado: 04/08/2014
Aceptado: 11/08/2014



A “*A República de Platão, recontada por Alain Badiou*”, pode facilmente ser considerado um desafio literário: a ousadia de, após trabalhar no texto platônico por 54 anos, querer reescrevê-lo. Sim, reescrever, não traduzir mais uma vez, oferecendo aos leitores tão somente outra versão da obra original, tampouco comentar, correndo o risco de ser redundante, novamente.

De fato, quando se trata dos Clássicos, a maior de todas as audácias (e também a maior das realizações, quando raramente bem executada) é querer despertar o interesse por algo por muitos considerado gasto ou enfadonho. Para muitos, a República, do velho Platão, está entre esses textos sobre os quais tudo já foi dito, que pouco sumo fresco tem ainda a oferecer, todos os comentários e traduções que poderiam ser feitas já existem, pouco de novo há a extrair.

Contudo, na mesma medida em que possivelmente isso é verdade, essa possível verdade só vem a servir como prova da perenidade do texto platônico. E é precisamente recorrendo à perenidade que Alain Badiou é capaz de refazer a obra original, ressignificar.

Mas tal ressignificação, embora tenha, por um lado, o mérito (maior do que todos) de fazer de Sócrates um interlocutor presente, não só hoje, mas “omni-presente”, porque extratemporal, por outro lado, corre o risco de perder totalmente o lastro que liga o

filósofo dos filósofos ao contexto com que se ocupou mormente, aos problemas que mais o afligiram e às perquirições incessantes que pagou com a própria vida: aquelas concernentes à Atenas do século V a.C.

Para evitar esse ônus da alienação da reflexão socrática do seu contexto original – alienação que, aliás, o próprio Sócrates quis a todo custo evitar, tanto que preferiu a morte ao exílio – Badiou utiliza-se dos mesmos personagens da versão original da obra, com a exceção de Adimanto, tornado Amanda. Também há a referência constante ao cenário original: a mansão do rico comerciante do Pireu, durante o festival da deusa estrangeira, a trácia Bêndis.

Além disso, há as citações recorrentes aos poetas Clássicos, Homero, Píndaro, Simônides e etc. Mas a República de Badiou não é a de Platão, nem seu Sócrates é o do século V a.C., mas ambos, obra e protagonista, são os da tradição filosófica como um todo, constituída há mais de 2500 anos, por isso o Sócrates aqui não pode mais ser restrito a um contexto, ao invés, paira por toda a História da Filosofia, capaz de discutir ou citar Engels, Marx, Lênin, Stálin, Marcel Mauss, Nietzsche, Freud, Fernando Pessoa, Lacan e García Lorca, por exemplo, como contemporâneos seus.

A “*República de Platão, recontada por Alain Badiou*” é uma obra erudita, mas fácil de ser lida; o diálogo que apresenta surge no contexto original, mas o extrapola; seu Sócrates é o cidadão ateniense cioso, sim, de sua cidadania, mas agora cidadão do mundo; em suma, paradoxalmente, querendo atentar contra o princípio de não-contradição, essa versão da República é e não é a outra, original.

Mas o maior paradoxo de todos é que, apesar de ser uma agradabilíssima leitura, talvez o livro não sirva como material didático para um curso de Filosofia Antiga, por exemplo. Embora talvez sirva para demonstrar, justamente, a permanência e a força de Sócrates; aparentemente, a intenção derradeira de Alain Badiou na sua República.